

Biblioteca Anarquista



Apresentação ao livro Neno Vasco por Neno Vasco

fragmentos autobiográficos de um anarquista

Thiago Lemos Silva

Thiago Lemos Silva
Apresentação ao livro Neno Vasco por Neno Vasco
fragmentos autobiográficos de um anarquista
23/02/2023

SILVA, Thiago Lemos. Neno Vasco por Neno Vasco: fragmentos
autobiográficos de um anarquista. Teresina: Cancioneiro, 2023.

bibliotecaanarquista.org

23/02/2023

Vislumbrei a porta de entrada deste trabalho – originalmente defendido como dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFU (SILVA, 2012) – em fins dos anos 2000. Na ocasião, a convivência com colegas e professores do Núcleo de Estudos e Pesquisa em História Política (Nephispo),¹ do Instituto de História da UFU, me estimulou sobremaneira a escolher o tema da minha monografia no Curso de História do Unipam (SILVA, 2007), que versou sobre as relações tecidas entre o movimento anarquista e o movimento operário no contexto da chamada Primeira República Brasileira.

No referido trabalho de final de curso, busquei discutir a posição assumida pelos anarquistas face ao *boom* das organizações sindicais criadas e mantidas pelo jovem proletariado brasileiro, compostas por trabalhadores imigrantes e nacionais. Afinal, havia uma expectativa de levar a cabo sua resistência contra o nascente capitalismo industrial que impunha duras condições de vida à classe operária, tais como baixos salários, longas jornadas diárias, condições inadequadas de trabalho e, aliado a isso, uma superexploração da mão de obra infantil e feminina.²

A atuação do anarquista português Neno Vasco,³ considerado na época o “expositor mais lúcido” (FAUSTO, 1997, p. 89) do sindicalismo revolucionário brasileiro, tornou-se então, o meu “fio de Ariadne”. Embora não se tratasse de uma biografia, a análise sobre sua trajetória

¹ O Nephispo surgiu com o propósito de discutir as relações tecidas entre razão, sentimentos e sensibilidades no processo de ressignificação da História Política. Nesse sentido, este núcleo sempre abrigou pesquisas e pesquisadores sobre anarquismo. Não por acaso, quando da sua criação, em 1994, contou com a presença do anarquista Jaime Cubero, então secretário do Centro de Cultura Social de São Paulo, que foi convidado para palestrar sobre “Razão e paixão na experiência anarquista”. Ver: Cubero (1998). Nos anos de 2010 e 2011, a professora Jacy Alves de Seixas, coordenadora do referido núcleo, organizou as jornadas de discussão “Noitadas Anarquistas”, voltadas para o debate e a reflexão sobre a história e historiografia do anarquismo e sua contemporaneidade.

² Trata-se de uma pesquisa realizada em jornais, revistas, panfletos e brochuras da época, pertencentes à minha então orientadora Antoniette Camargo de Oliveira. Oliveira tomou contato com esse material, quando foi bolsista de Iniciação Científica, com o projeto *Dicionário Histórico-Biográfico do(s) anarquismo(s) no Brasil*, entre 1998 e 1999, sob orientação das professoras Christina Roquette da Silva Lopreato e Jacy Alves de Seixas. Para saber mais sobre esse projeto: Ver: Fonseca (2006).

³ Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos, nasceu em Penafiel, norte de Portugal, em 09 de maio de 1878 e faleceu em 15 de setembro de 1920 em São Romão do Coronado, perto do Porto. Neno Vasco passou a utilizar esse pseudônimo somente após o seu ingresso no movimento anarquista e operário em Portugal, por volta de 1900.

ajudou a compreender melhor a experiência histórica da qual ele fez parte. Diferentemente, o trabalho que resultou em minha dissertação de Mestrado – aqui substancialmente revisto e ampliado – teve como objetivo escrever uma biografia de Neno Vasco.

Meu propósito neste livro é perscrutar fragmentos da autobiografia de Neno Vasco. Para tanto, trago à tona suas crônicas publicadas entre os anos de 1901 e 1920 em alguns dos principais títulos da imprensa anarquista e operária transatlântica. Em maior medida, trabalho com periódicos brasileiros e portugueses, tais como: *O Amigo do Povo* (1902-1904) e *A Lanterna* (1909-1916), de São Paulo; *A Voz do Trabalhador* (1908-1915) e *A Guerra Social* (1911-1912), do Rio de Janeiro; *A Vida* (1905-1910) e *A Aurora* (1910-1920), do Porto. *A Obra* (1898-1906); *A Greve* (1908); *A Sementeira* (1909-1918) e *A Batalha* (1919-1927), de Lisboa, fecham este roteiro. Em menor medida, trabalho igualmente com periódicos argentinos, franceses, espanhóis e italianos, tais como *La Protesta* (1897-1926), de Buenos Aires; *Le Temps Nouveaux* (1898-1914), de Paris, *Tierra y Libertad* (1910-1919), de Barcelona, e *Volontà* (1913-1914), de Ancona.

Ainda que sua escrita cronística estivesse prioritariamente voltada para informar e debater com seu público leitor a respeito da luta cotidiana levada a cabo pelo movimento anarquista e operário em diferentes países da *Porta da América* e da *Porta da Europa*, ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de escrita de si, ou seja, um tipo de escrita que assume a subjetividade como:

[...] dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu autoral” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” [...], que se exprime pela primeira pessoa do singular [...] do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz [...] de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua verdade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade (GOMES, 2004, p. 14-15).

Isso permitiu, por sua vez, a este biógrafo encontrar uma chave para abrir não apenas as portas da história do movimento anarquista e operário em ambos os continentes, mas também, e, sobretudo, as portas da sua história de vida.

Ao fim e ao cabo do processo de seleção e análise da documentação, me vi às voltas sobre como escrever este trabalho. Ao *bio-grafar* Neno Vasco tenho consciência de que eu passarei a ordenar, por meio da escrita, o desenrolar da sua vida, gesto a partir do qual esta se transformará em objeto e/ou tema histórico. Esse gesto a que faço alusão passa pela construção dos documentos, que o biógrafo seleciona e ordena segundo os seus próprios critérios, colocando em evidência a sua subjetividade. Diante desse fato, aparentemente banal, mas de fundamental importância, Cláudia Poncioni, ao reconstituir o trajeto de pesquisa que efetuou ao longo de sua escrita sobre a vida do socialista francês Louis Léger Vauthier, apresenta as seguintes questões, que faço minhas:

Evocar uma vida não seria forçosamente empobrecê-la? A simplificação, o ordenamento que a redação de um texto lógico impõe não seriam intrinsecamente redutores? Como dar conta de toda a complexidade, de todas as contradições, sonhos, esperanças, decepções, desgraças, sofrimentos de uma vida? Como escrever uma vida com tinta, se ela é feita de sangue? (PONCIONI, 2012, p. 417).

Questões importantes, que, caso não forem enfrentadas de modo sério, tendem a repetir os equívocos dos trabalhos (vinculados a uma historiografia tradicional) baseados em uma história meramente cronológica, factual e narrativa sobre a vida dos “grandes homens”, produzindo desse modo um resultado artificial e distante da complexidade que encerra a vida humana. Portanto, não basta reunir documentos, ordená-los, refletir sobre eles e apresentar conclusões. É preciso também dar vida, o que exige uma dose certa de imaginação.

Tal atitude leva, segundo Poncioni, o biógrafo a se aproximar do romancista e dele pegar algumas técnicas emprestadas, tais como o estilo, a necessidade dos detalhes e dos episódios na criação de um conjunto que apareça verossímil, ainda que os fatos narrados sejam verdadeiros. É claro, contudo, que a adoção de tais recursos não se dá de forma mecânica, uma vez que esse processo pressupõe que os acontecimentos evocados sejam transformados e que o método estético de representação do real seja quase tão importante quanto o próprio relato.

A narrativa do livro foi tramada de modo a pinçar alguns dos fragmentos autobiográficos de Neno Vasco. Esses fragmentos, uma vez reunidos, procuram criar mais um *mosaico* do que um *quadro*. A alusão às duas me-

táforas me pareceu sugestiva para pensar a composição desta pesquisa. Ao invés de criar um quadro total e fechado, que retratasse todo o rosto de Neno, optei, antes, por montar um mosaico lacunar e aberto, que enfocasse alguns dos seus tantos perfis, cujos contornos tentei delinear ao longo de três capítulos.

Fiel a essa perspectiva teórico-metodológica, procurei, inspirado pelos trabalhos do artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher, construir os três capítulos que seguem como um dos seus mosaicos, em que os fragmentos são colados e colocados em uma perspectiva enigmática, como se formassem um imenso labirinto que dá acesso às múltiplas portas da história de uma vida.

Referências:

CUBERO, Jaime. Razão, paixão e anarquismo. *Revista Libertárias*. São Paulo, n. 4, 1998.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1997.

FONSECA, Virginia. Anarquismo reconstruído. *Minas Faz Ciência*. Belo Horizonte, n. 24, 2006.

GOMES, Castro Ângela de. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Ângela de Castro Gomes (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette; SEIXAS, Jacy Alves (org.). Dicionário histórico-biográfico do(s) anarquismo(s) no Brasil. Uberlândia: Mimeo, 2000.

PONCIONI, Cláudia. Bio-grafar, escrever vidas? In: SEIXAS, Jacy Alves; CERASOLI, Josiane; NAXARA, Márcia (org.). *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SILVA, Thiago Lemos. *Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa: a escrita cronística como escrita de si em Neno Vasco*. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SILVA, Thiago Lemos. *Alcances e limites da ação sindical: ecos da crítica de Errico Malatesta no movimento anarquista brasileiro*. 2007. 40 f. Monografia (Graduação em História) – Centro Universitário de Patos de Minas, Patos de Minas, 2007.